

## **As cidades mundiais na contemporaneidade**

Carlos Henrique Costa da Silva\*

### **Resumo**

As cidades mundiais são um tipo específico de campo de produção material e imaterial que, na atualidade, têm um papel primaz na coordenação do processo de mundialização, já que são os nós de rede, concentrando e centralizando o capital, as finanças, a tecnologia, os serviços modernos, o marketing, as novas formas do comércio. Ou seja, é nas cidades mundiais que se instala o poder de decisão, o comando, de onde partem as diretrizes econômicas e políticas no direcionamento do mercado mundial. Assim, este artigo visa discutir o papel das cidades mundiais no processo de mundialização, destacando a natureza deste conceito e seus principais atributos. Tomamos a cidade de São Paulo como exemplo para discutir este conceito.

**Palavras-chave:** Cidade mundial, mundialização, São Paulo.

### **Abstract**

World cities are a specific kind of field for material and immaterial production which have a primary role in the coordination of the globalization process. They are the knots on this net, concentrating and centralizing the capital, finances, technology, modern services, marketing and the new forms of commerce. It is in the world cities that the power of decision, command, is established. That is where the political and economic guidelines for the international market come from. Therefore, this article aims to discuss the role of the world cities in the

---

\* Doutorando em Geografia pela UNESP – Rio Claro/SP (ricougo@yahoo.com.br)

globalization process, emphasizing the nature of this concept and its most important attributes. São Paulo city its our example to discuss this concept.

**Key words:** World city, globalization, São Paulo.

## **Introdução**

A partir da década de 1950, a organização da atividade econômica entra em profunda transformação. Ocorre uma acelerada industrialização no Terceiro Mundo, influenciada pelos investimentos nacionais em infra-estrutura, pela abertura econômica propiciada também por estes governos, que impulsionaram a expansão das multinacionais européias, norte-americanas e japonesas, principalmente para países da América Latina e Extremo Oriente. Com isso, houve também, uma internacionalização da indústria financeira a partir de meados dos anos 70, que incorporou vários centros financeiros em uma rede mundial de transações, cuja incorporação foi ajudada pelo avanço da informática e telecomunicações.

A combinação da dispersão espacial dos investimentos e da integração mundial por meio de uma grande rede de trocas informacionais, trouxe a algumas cidades um papel estratégico na atual fase da economia mundial. Estas cidades passaram a concentrar grande quantidade de recursos financeiros e indústrias de liderança, leia-se multinacionais, onde estas exercem muita influência na economia e na sociedade urbana, criando, portanto a possibilidade de um novo tipo de urbanização, uma nova cidade. Elas emergem como pontos internacionais para investimento, contendo escritórios de representação das maiores empresas do mundo, além de uma vasta gama de companhias vinculadas à prestação de serviços e consultorias financeiras, que trabalham conjuntamente com as multinacionais, formando um aglomerado de empresas que trocam informação, *know how* e tecnologias, propiciando maior velocidade e fluidez às trocas internacionais.

A força da informática e das telecomunicações nesta nova configuração do mundo, tem um papel primordial, pois auxiliam na aceleração de ritmos, criam novas formas de articulação entre os membros envolvidos em negociações e trocas internacionais, abrem novas possibilidades de dinamização das forças produtivas, criando meios rápidos, instantâneos e abrangentes de produção e reprodução de material econômico e cultural. Segundo Cepollaro (1998, p.234) quando analisa estas mesmas transformações no mundo nos últimos 50 anos, a partir das teorias de Gottmann, este autor afirma que podem ser considerados dois agentes principais para a reorganização das economias neste período de análise:

- a) as transformações tecnológicas, com suas derivações técnico-organizacionais, ao longo do infinito número de inovações “introduzidas pela revolução industrial, pela mecanização, pela automação e pela racionalização e organização do gerenciamento” e b) as mudanças socioeconômicas “ocorridas no emprego do trabalho humano, na divisão do trabalho, na evolução da estrutura ocupacional”.

Neste contexto, este artigo visa discutir o papel das cidades mundiais na economia e sociedade do período atual, apresentando uma discussão sobre o processo de surgimento e desenvolvimento deste conceito, a partir do aprofundamento e expansão da mundialização. Visa também, apresentar alguns elementos concretos de como essas cidades vem se articulando no plano intra-urbano para conseguirem se inserir cada vez mais na rede de cidades mundiais. Neste caso, São Paulo será nosso objeto de estudo.

### **Surgimento e evolução do conceito**

Segundo Sassen (1988), nas décadas após a Segunda Guerra Mundial, havia o regime internacional baseado na dominância norte americana na economia mundial auxiliada pelas regras do Tratado de Bretton Woods de 1945. No início dos anos 70, as condições de suporte desse regime foram se desintegrando, o qual

pode ser considerado um período de transição, onde o controle da ordem econômica internacional foi uma desordenada extensão de quartéis gerais de firmas transnacionais e bancos norte-americanos, europeus e japoneses em todo o mundo. No início dos anos 80, entretanto, as grandes transnacionais norte-americanas, européias e algumas japonesas, encararam uma maciça crise no Terceiro Mundo e as indústrias conheceram um severo prejuízo graças ao crescimento da competição estrangeira.

Neste contexto de fortes mudanças, alguns atores mundiais se estabeleceram como protagonistas destas, tomando para si, o comando das maiores mudanças em escala mundial, os quais destaque como um dos principais, as empresas multi e transnacionais. Segundo Friedmann e Goetz citado por Ianni (1996, p.61),

Desde a II Guerra Mundial, aceleram-se os processos por meio dos quais as instituições capitalistas libertaram-se das injunções nacionais e promoveram a organização da produção e mercados segundo seus propósitos. Os atores principais responsáveis pela reorganização do mapa econômico do mundo são as corporações transnacionais, envolvidas em uma luta canibalesca pelo controle do espaço econômico. O sistema de relações econômicas globais emergente adquire forma particular, tipicamente urbana, em localidades sob diversas formas enredadas no sistema global.

A geografia e a composição da economia global, deste modo, mudou, produzindo uma complexa dualidade: a espacialidade dispersa, porém com a organizada interação global de atividades econômicas, sob a forte égide de atuação das grandes empresas com presença mundial.

Essa combinação entre dispersão e integração fez com que as cidades criassem novas estratégias que, segundo Sassen (1988) são as seguintes:

- concentrar pontos de organização da economia mundial;
- ter inúmeras firmas de serviços especializados;

- produzir inovações, locais de produção; e
- criar um mercado consumidor das inovações produzidas.

Essas mudanças no funcionamento das cidades tem tido um impacto maciço tanto nas atividades econômicas internacionais, quanto na forma urbana. As cidades passaram a influenciar vastas regiões através de diversos recursos, principalmente financeiros, telecomunicações, ciência, desenvolvimento de tecnologia e serviços industriais especializados, o que têm possibilitado a reestruturação da sociedade urbana e da ordem econômica vigente até meados da década de 1980. Portanto, um novo tipo de cidade aparece, essa é a cidade mundial.

Cepollaro (1998, p.237), introduz nesta discussão sobre a concentração nas grandes cidades de atividades ligadas a uma economia transacional e mundializada, dizendo que “é na metrópole que as atividades de nível superior tendem a se concentrar, transformando-lhe a base e as funções econômicas e dando novo impulso à dinâmica urbana”. Este autor quando faz estas considerações está discutindo na verdade a questão das atividades ligadas a um suposto setor quaternário conforme Gottmann analisou no início da década de 1960 para a realidade norte-americana e que hoje, é trazida com uma nova roupagem e novos enfoques de análise por Sassen (1988) em sua clássica discussão sobre a cidade global e Castells (1996) a respeito da Cidade Informacional. Segundo Gottmann (apud Cepollaro, 1998, p. 236) o setor quaternário trata-se de atividades como

o gerenciamento dos negócios públicos e privados; a pesquisa, a formação e a educação superior; os serviços qualificados para a produção e as consultorias especializadas no campo financeiro, comercial e organizacional; os serviços técnicos e profissionais; o conjunto das atividades internas ao sistema dos *mass media* e das atividades que giram em torno da indústria cultural e do lazer.

Deste modo, a análise das cidades mundiais feitas por Sassen no final da década de 1980 e durante toda a década de 1990,

vai enfatizar, sobretudo este setor da economia e sua conseqüente concentração nos pontos nodais da rede mundial de cidades que vai passar a se constituir a partir do desenvolvimento do capitalismo financeiro. Com base nesta discussão pode-se apresentar como as principais características das cidades mundiais:

- Novo sistema de concentração que foca o desenvolvimento de uma geografia específica no controle de lugares na ordem econômica internacional, havendo assim uma dispersão territorial da atividade econômica, criando a necessidade de expansão do controle central;
- Não são apenas centros nodais para a coordenação de processos, são também locais particulares de produção. Têm produções particulares e mercado consumidor para elas.
- Produzem uma gama de serviços materiais e imateriais que passam a comandar o processo de reprodução do espaço de outras cidades a partir do modelo de urbanização criado e difundido por elas;
- Estão povoadas por um novo tipo de habitante, que detém novos tipos de perceber, conceber e interpretar a sociedade urbana, baseada na efemeridade dos contatos, novos tipos de trabalho e profissões, um consumismo exacerbado e um engajamento político diferenciado, sobretudo ligado a um novo tipo de prestação de serviços (voluntariado e ONGs)

Sassen (1993), afirma que as cidades globais são um tipo específico de campo de produção e considera suas funções de comando central como um processo de produção. Existem campos para a produção de serviços especializados necessários para o gerenciamento, controle e operações de serviços de uma rede espacialmente dispersa, e a produção de inovações financeiras e a criação de mercados, ou seja, a capacidade de controle global. Nas cidades globais ficam concentradas as atividades voltadas ao produtor, portanto a base (telecomunicações, gerenciamento) da produção, enquanto a produção em si fica desconcentrada. “As Cidades Globais são os lugares-chaves para os serviços avançados e para as telecomunicações necessárias à implementação e ao

gerenciamento das operações econômicas globais. Elas também tendem a concentrar as matrizes das empresas, sobretudo daquelas que operam em mais de um país”(SASSEN, 1993, p.185). Ianni, (1996, p.60) afirma que nas cidades globais

estão presentes as condições e os produtos da dinâmica das relações sociais, do jogo das forças políticas e econômicas, da trama das produções culturais. Ela pode ser principalmente, mas também simultaneamente, mercado, fábrica, centro de poder político, lugar de decisões econômicas, viveiro de idéias científicas e filosóficas, laboratório de experimentos artísticos. Nelas germinam idéias e movimentos, tensões e tendências, possibilidades e fabulações, ideologias e utopias.

Há diferentes tipos de cidades na organização atual do mundo. Um número limitado das maiores cidades são os campos de produção para os serviços especializados e produtos financeiros vendidos nos mercados nacionais e mundiais, e há também, um grande número de cidades que perderam seu papel como centros de liderança de exportações da indústria nos últimos anos, graças a desconcentração da produção<sup>1</sup>.

Nesta perspectiva do estudo das Cidades Mundiais, o que importa é a magnitude de manter e controlar as relações sócio-econômicas e políticas mundiais, ou seja, quanto maior for a força de uma cidade dentro do processo de mundialização, maior será seu nível de controle e gestão da economia e cultura mundiais e esta, estará cada vez mais inserida no processo de mundialização. São nesses espaços urbanos onde a economia mundial mostra a sua cara mais evidente e, essa rede de cidades, engloba pelo menos 55 aglomerações urbanas, que comandam as quase 40 mil empresas transnacionais de todo o mundo.

A lista de cidades que se enquadram nesse novo conceito (baseado na importância das cidades globais para a administração dos fluxos de pessoas, de dinheiro, de bens e de serviços que

---

<sup>1</sup> Ver Castells e Hall (1994).

circulam pelo mundo) varia de 31 (John Friedmann, o norte-americano pioneiro no assunto) a 55 (a mais recente, da Universidade de Loughborough, no Reino Unido).

Segundo esta última, há três categorias principais, com diferentes graus representados por pontos. Observe:

**Alfa (Cidades globais com serviço completo)**

- 20 pontos: Londres, Nova York, Paris e Tóquio;
- 12 pontos: Los Angeles, Chicago, Frankfurt, Milão, Hong Kong e Cingapura.

**Beta (Maiores cidades globais)**

- 9 pontos: São Francisco, Sidney, Toronto e Zurique;
- 8 pontos: São Paulo, Cidade do México, Madri e Bruxelas;
- 7 pontos: Moscou e Seul.

**Gama (Menores cidades globais)**

- 6 pontos: Amsterdã, Boston, Dallas, Caracas, Dusseldorf, Genebra, Houston, Jacarta, Johannesburgo, Melbourne, Osaka, Praga, Santiago, Taipé e Washington;
- 5 pontos: Bangcoc, Pequim, Montreal, Roma, Estocolmo e Varsóvia;
- 4 pontos: Atlanta, Barcelona, Berlim, Budapeste, Buenos Aires, Copenhague, Hamburgo, Istambul, Kuala Lumpur, Manila, Miami, Minneapolis, Munique e Xangai.

Esta hierarquia é medida pela concentração de serviços ligados à mundialização e ao poder das empresas transnacionais, ou seja, pelo número de bancos, consultorias, sedes de empresas, agências de publicidades e outros serviços.

As cidades alfa, Nova York, Londres, Paris e Tóquio, possuem cada uma delas, particularidades fundamentais dentro do sistema mundial. A tríade analisada por Sassen (Londres, Tóquio e Nova York), é ampliada com Paris, pela relevante participação cultural da capital francesa na atualidade em ramos industriais e serviços ligados à moda, design, cosméticos e perfumaria; Paris se destaca dentre as demais, além de ser a maior cidade do mundo em



recepção de turistas e congregar a maior rede de hotelaria e restauração do mundo.

Essa inclusão de Paris nos faz perceber a diferença dos conceitos de mundial e global. Chesnais (1996), apresenta uma análise interessante quando discute a questão do papel das grandes empresas multinacionais no processo de mundialização do capital. A mundialização do capital revela mais do que o processo de internacionalização da economia e dos meios de produção. O termo indica e contém o plano social. Assim, o modo de vida urbano, a indústria e a política econômica dão sentido e razão para a reprodução do sistema e para o surgimento de diferentes formas sociais no espaço geográfico.

O mundo hoje,

não é mais apenas uma coleção de países agrários ou industrializados, pobre ou ricos, colônias ou metrópoles, dependentes e dominados, arcaicos ou modernos. A partir da Segunda Guerra Mundial, desenvolveu-se um amplo processo de mundialização de relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, antagonismo e integração. Aos poucos todas as esferas da vida social, coletiva e individual, são alcançadas pelos problemas e dilemas da globalização<sup>2</sup>.

Por esta citação de Ianni, pode-se perceber que globalização liga-se sobretudo à esfera econômica e mundialização abarca além da econômica, a social e a cultural. Milton Santos (2000, p.23) afirma que “no fim do século XX e graças aos avanços da ciência, produziu-se um sistema de técnicas presididos pelas técnicas da informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária”.

Neste sentido, concordamos com o autor quando destaca a informação como um dos elementos chave para a formação de um motor único no processo de reprodução do modo de produção

---

<sup>2</sup> IANNI, O. **A Sociedade Global**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992, p.36.

capitalista, mas destacamos ainda, que as transformações ocorridas no papel do Estado Nacional e da política, o mundo urbano e a vida cotidiana e a expansão das empresas e organizações mundiais, são elementos constituintes para se analisar o tempo e o espaço das cidades mundiais hoje.

Assim, globalização entendemos como um processo que envolve maciçamente a produção, o mercado e as instituições e agentes econômicos, diferentemente da mundialização que, além de considerar estes fatores apontados, envolve também os modos de vida, os comportamentos, a cultura, o modo de consumo e a vida cotidiana. No entanto deve ficar claro que ambos buscam de maneira contraditória a homogeneização, tanto dos mercados como das pessoas, e que conjuntamente produzem a fragmentação do espaço. O conceito de globalização fica mais claro quando Castells (1996, p. 2) afirma que a globalização

é um processo segundo o qual as atividades decisivas, num âmbito de ação determinado (economia, os meios de comunicação, a tecnologia, a gestão do meio ambiente, o crime organizado) funcionam como unidade em tempo real no conjunto do planeta. Trata-se de um processo historicamente novo (distinto da internacionalização e da existência de uma economia mundial) porque somente na última década se constituiu um sistema tecnológico (telecomunicações, sistemas de informação interativos, transportes de alta velocidade em um âmbito mundial para as pessoas e mercadorias) que faz possível esta globalização. A informacionalização da sociedade, a partir da revolução tecnológica que se constituiu como novo paradigma operante na década de setenta, é a base da globalização da economia.

Por esta discussão proposta por Castells pode-se perceber que as rápidas transformações no âmbito da economia foram de fato motores propulsores para as modificações na estruturação da sociedade, e que para os pesquisadores do assunto é necessário incluir o homem não somente como mais uma peça no processo produtivo e sim, enquanto agente e sujeito da transformação social,

consciente de seu papel na reprodução, conforme Lefebvre (1991), da sociedade.

Concordamos com Ortigoza (2001, p.90) quando analisa esta mesma questão, dizendo: “percebe-se que as formas materiais não bastam para reproduzir o global no espaço, é preciso atingir as pessoas em sua vida social, em seu modo de ver o mundo”. Neste artigo iremos utilizar o conceito de mundialização e cidade mundial, pois acreditamos ser mais completo e estar de acordo com nossos propósitos de discussão teórica sobre o tema em análise.

Para corroborar com o que estamos apresentando, Ortiz (1994), afirma que Globalização liga-se preponderantemente à esfera das mudanças econômicas-tecnológicas e a mundialização enfatiza os processos da esfera cultural-social.

Creio ser interessante distinguir entre os termos “global” e “mundial”. Empregarei o primeiro quando me referir a processos econômicos e tecnológicos, mas reservarei a idéia de mundialização ao domínio específico da cultura. A categoria “mundo” (...) significa também uma visão de mundo, um universo simbólico específico à civilização atual<sup>3</sup>.

Portanto, estamos diante de um conceito de natureza além da econômica conforme proposto por Saskia Sassen em seu estudo clássico de 1988. As cidades mundiais vão além da influência econômica; contém, expressam e configuram uma imagem mundial para a sociedade nacional, e assim, a cultura, o consumo, os modos de vida, a cotidianidade destas cidades acabam sendo traduzidas como modelos de desenvolvimento para a rede urbana nacional. No caso brasileiro, a cidade de São Paulo emerge no cenário mundial e nacional como o elo de ligação entre estas duas instâncias. As modificações por quais passa a metrópole paulista hoje, serve de termômetro para todas as demais metrópoles e cidades de importância nacional no Brasil.

---

<sup>3</sup> ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.29.

### **São Paulo enquanto cidade mundial**

Segundo Cordeiro (1993), durante a década de 1950, reagindo às crises e às rupturas de ordem internacional ou aproveitando a reconstrução da economia mundial no segundo pós guerra, o Brasil, através da participação do Estado como promotor e coordenador da estratégia do crescimento, impulsionou a diversificação de sua estrutura industrial. Deu-se a reorganização completa de nossa economia e da estrutura espacial no que se refere aos fluxos de capitais, migração do trabalho, processo de produção e gestão das atividades econômicas.

O processo de metropolização do Terceiro Mundo é contemporâneo àquele da mundialização da economia e da sociedade. As metrópoles do Terceiro Mundo são o *locus* de todos os tipos de capital e de todos os tipos de trabalho. Por força dos sistemas de telecomunicações e as novas tecnologias ademais das finanças, a metrópole vê aumentado o seu poder de controle do território, levando longe o impacto das forças externas, cujas decisões são tomadas à distância. Baseados na rapidez de informação e circulação lucram mais os que tomam decisão em menor tempo.

No rearranjo espacial do sistema, as grandes corporações localizam suas subsidiárias principalmente nas metrópoles dos países periféricos, onde encontram as mais favoráveis condições para a reprodução do seu capital. Ao mesmo tempo, aí implantaram as sedes de gestão dos seus negócios. Formaram-se os elos de uma cadeia seleta de metrópoles, onde se realiza o controle e o comando do mercado capitalista no plano global: são as cidades mundiais.

Avaliando a importância relativa da acumulação do capital nas metrópoles brasileiras e o rearranjo espacial de sua trajetória nessa fase, pode-se constatar uma concentração do controle do território em três regiões metropolitanas: São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, com larga magnitude de controle em São Paulo (Cordeiro, 1986/87).

Nos anos 80 o setor financeiro tornou-se o integrador do sistema econômico mundial, através da transnacionalização do

mercado e reestruturação do capital em escala global. O capital financeiro veio, portanto, a dominar a economia internacional, sendo a cidade mundial sua articuladora.

Desenvolveram-se na Região Metropolitana de São Paulo as condições que capacitaram ao desempenho não apenas do núcleo principal da produção fordista em nosso país, mas, sobretudo, de ponto articulador e articulado do conjunto de cidades mundiais, centro básico do controle e acumulação do capitalismo ao nível internacional em nosso território. Desenvolveu-se no país uma desconcentração do sistema produtivo e o fortalecimento da concentração do sistema de gestão do setor transnacional tendo a região metropolitana de São Paulo como centro líder do conjunto metropolitano brasileiro (CORDEIRO, *idem*).

As condições que possibilitaram a cidade de São Paulo ser qualificada como cidade mundial são:

- maior concentração populacional em relação as metrópole brasileiras, dispondo de grande quantidade de mão de obra;
- maior produção brasileira do setor secundário;
- maior concentração de sedes das maiores empresas nacionais e internacionais de todos os setores da economia;
- maior concentração das sedes de corporações financeiras nacionais;
- maior concentração de instituições financeiras internacionais do país;
- maior concentração de investimentos estrangeiros no país;
- maior nóculo do sistema de telecomunicações do país;
- centro difusor de publicidade de firmas e marcas nacionais e internacionais;
- sede da maior universidade do país, onde ocorre maior produção científica (USP);
- existência de um grande aeroporto internacional (Cumbica);
- maior rede de recepção para eventos de negócios e uma ampla rede hoteleira e de restauração de padrão internacional, e;
- bom nível de serviços sócio-culturais de apoio às elites transnacionais (escola de línguas, computação, tradutores, etc).

São Paulo tem crescente importância como centro integrador e concentrador da informação da rede urbana do território brasileiro, através da estruturação cumulativa da rede nacional de telecomunicações. Conforme a Sempla (2002, p.14)

São Paulo constitui hoje, o mais importante pólo de conexões da economia brasileira com fluxos globalizados de capital, desempenhando funções de centro financeiro, sede de grandes corporações transnacionais e base de complexas redes de serviços modernos de alta especialização nas quais se apóiam as transações globais.

Nesta mesma direção, sobre o papel de encruzilhada dos grandes fluxos de capital e de vetor de difusão de novidades no âmbito da cultura em nível internacional do território brasileiro, Carlos (2001, p.139) afirma que “uma das características da chamada “cidade mundial” é a emergência do setor de serviços altamente especializados articulando espaços como uma racionalidade e eficiência assentada na competitividade e estabelecida em padrões impostos internacionalmente. É esse comportamento que se vislumbra em São Paulo”. Levy (1997, p.161), discutindo esta mesma questão afirma que São Paulo “vem, inegavelmente, preenchendo o papel de articuladora da economia nacional, servindo de vínculo entre a economia brasileira e o mercado internacional, convertendo-se em um ponto nodal, atributo das cidades mundiais”.

Uma série de pesquisas tem corroborado para esta discussão a respeito de São Paulo ser ou não ser considerada uma cidade mundial, desenvolvendo papel de liderança da economia brasileira no seu processo de inserção na globalização. Estes estudos – Carlos (2001), Verás, (1999), Levy, (1997), Ferreira (2003), Silva (2001) – consideram sim que São Paulo é uma cidade mundial, mas não nos termos exatos propostas por Sassen (1988) e Castells (1996), pois as economias periféricas do sistema econômico internacional têm desenvolvido novos tipos de interação neste

contexto, fazendo surgir novos elementos pra se pensar este conceito na atualidade<sup>4</sup>.

O ritmo de desenvolvimento e crescimento urbano foi tão rápido e intenso que desde a sua fundação em 1554 até por volta de 1870, São Paulo não passava de uma pequena cidade rural. Com a economia cafeeira e seus lucros, São Paulo foi ganhando importância no cenário nacional e é a partir da segunda metade do século XX que São Paulo vai se tornar a metrópole primaz da rede urbana brasileira, apresentando uma série de modificações em seu espaço intra-urbano, conforme Rolnik (1997, p.186) esclarece esse ritmo de desenvolvimento

No final do século XIX, o Centro estava sendo abandonado pelas elites, e foi reinvestido pela função comercial; na segunda década do século (XX), loteamentos residenciais exclusivos foram abertos, estabelecendo frentes de expansão para os bairros burgueses – os Jardins da City Improvements CO. Quando, nos anos 30, a capacidade de rendimento do primeiro cinturão oeste (Centro Novo/Higienópolis) chegava no limite, foi reinvestida pelo uso vertical dos apartamentos. E a abertura da Avenida Nove de Julho, parte do Plano de Avenidas de Pestes Maia, cuja implantação iniciou-se nos anos 30, começou a sentar as bases para a migração das atividades terciárias do Centro, na direção sudoeste. Com isso, a Avenida Paulista, símbolo da riqueza gerada na Primeira República, com seus palácios de novos e velhos ricos, seria implodida para abrigar as torres de bancos, grandes corporações e antenas de comunicação a partir dos anos 60, sem nunca abalar seu prestígio. Assim, a valorização sobe as colinas e desce as baixadas em ondas de ressignificação, invariavelmente acompanhadas pela prioridade dos investimentos públicos da cidade. Na rubrica investimentos no orçamento municipal de São Paulo de 1993 e 1994, sob a gestão do prefeito Paulo Maluf, 85% foram aplicados nesse vetor

---

<sup>4</sup> Para maiores detalhes sobre esta discussão, ver os autores referidos acima.

(sudoeste), concentrados sobretudo em obras viárias geradoras de revalorizações no interior de áreas já bastante valorizadas – caso do túnel do Ibirapuera, o prolongamento da Avenida Faria Lima e sua ligação com a frente de expansão dos edifícios de escritórios na Marginal do rio Pinheiros.

Por estas palavras da autora, percebe-se as modificações intra-urbanas no plano das atividades hegemônicas, ou seja, a cidade muda de forma conforme os investimentos de capital vão alterando seu padrão de exigências. Se antes o centro significava facilidades de contatos devido a proximidade, dá lugar a partir dos anos 60 a região da Paulista pelas possibilidades de verticalização moderna. E hoje, a fluidez do espaço ligada às finanças e as telecomunicações tem produzido a criação de novas centralidades ligadas ao novo vetor de desenvolvimento ao longo das avenidas Faria Lima, Berrini e Nações Unidas.

Conforme Milton Santos (1994, p.15)

A base industrial foi o alicerce para que São Paulo hoje se tornasse uma cidade informacional, um centro internacional de serviços. São Paulo é agora, relativamente menos forte, em produto e em emprego industrial, mas sua força aumentou, no país e no mundo, graças ao fato de que a atividade de serviços se desdobra, criando um expressivo setor terciário de comando, baseado na informação (concepção, direção, coordenação, controle).

A refuncionalização é fruto dos diversos agentes que vêm influenciando na reprodução do espaço metropolitano, principalmente o Estado brasileiro e o capital internacional.

Assim, a cidade mundial de São Paulo vai configurando-se conforme o capital internacional vai adentrando-se e impondo seu ritmo de reprodução. A esfera política vai apresentar-se neste contexto, cada vez mais como permissiva e construtora de infra-estruturas para o estabelecimento destas novas necessidades do capital. A esfera sócio-cultural vai criar condições de absorver estas novas características no que tange a um comércio e serviços



de luxo, mas sobretudo a um comércio popular em desenvolvimento nas demais áreas da cidade, esquecidas pelo capital internacional.

Atualmente, a mundialização é vista e entendida pelo contexto urbano de São Paulo, enquanto um processo segregador, fragmentador e centralizador. O capital hegemônico tem a sua territorialidade no interior de São Paulo, no eixo Paulista-Faria Lima-Berrini, produzido pelo Estado para dar cara mundial a São Paulo, por força das pressões das grandes empresas com presença no Brasil. Ao mesmo tempo, extensões de pobreza e marginalidade são produzidas nas periferias, cada vez mais distantes deste centro mundial de São Paulo.

Ou seja, no chamado Vetor Sudoeste por Ronik (2000), tem-se a concentração dos serviços, comércio e inovações ligadas à mundialização. São lojas de departamento, shopping centers, lojas de grifes internacionais, serviços específicos para a elite, bares, restaurantes, hotéis de padrão internacional, teatros, academias de ginástica, clínicas de estética e empresas de publicidade e propaganda. Esta região de São Paulo, cada vez mais se mundializa via mercado e sociedade dando uma aparência que não se distancia muito das maiores metrópoles mundiais ao redor do mundo. Os bairros The City em Londres, La Defense em Paris, Os CBDs de cidades como Chicago, Dallas, Atlanta, o centro econômico de Xangai, ou as torres de Hong Kong e Cingapura, em nada hoje se diferenciam no plano estético do eixo Faria Lima-Berrini.

Ao mesmo tempo, tem-se a produção das especificidades de um país em desenvolvimento como o Brasil, que são as periferias extensas e favelizadas que não param de expandir-se em direção ao Sul e ao Leste de São Paulo, principalmente, formando um verdadeiro cinturão de pobreza a esta parte mundial de São Paulo.

### **Considerações finais**

São Paulo no contexto atual da mundialização, é vista como uma Cidade Mundial. Concentra centros financeiros, de decisão e serviços, além de uma ampla rede de comunicação e transporte. No

estágio atual do capitalismo, os planejadores, a especulação imobiliária e seus próprios moradores a colocam como uma cidade da modernidade, porém com todos os problemas que essa modernidade traz.

Seu ritmo é ditado pelo mercado capitalista. No tempo das máquinas, o dos homens fica reduzido e precisa ser veloz. Tenta-se não perder tempo porque este se acelera.

Os homens na própria alimentação necessitam ser rápidos, pois seu tempo de alimentação é cronometrado e o fluxo de pessoas e de capital é intenso. Essa necessidade de atender agilmente ao mercado e ao mundo financeiro acaba impregnando os homens, criando instalações de alimentação rápida, como os inúmeros restaurantes de *fast food*, os quais são um exemplo desta sociedade mundializada, fragmentada, de consumo de massa.

São Paulo é uma cidade mundial, onde tudo nela pode ser encontrada. O cotidiano das pessoas que nela vivem parece que se adaptou a esse mundo dinâmico e contraditório, onde novas regras de vida e de valor tomaram outras configurações. Segundo Damiani (1997, p. 86), “a vida na metrópole aparece como vida privada de sentidos, como particularização, perda da universalidade, que a grande cidade parece sugerir. Produto universal, vivido de forma particularizada, privada”. Ou seja, a metrópole do modo como se apresenta hoje dificulta sua compreensão total, onde os seus habitantes só a percebem em partes, fragmentos, e até o bairro pode fornecer sensações de estranhamento para seu morar, que não o conhece, não vive seu ritmo, não reconhece suas relações de vizinhança, pois sente o global florescer no local colocando ao novos ritmos e usos.

A Cidade Mundial de São Paulo assim, surge e se reproduz dentro deste sistema de produção, o qual ainda persiste e avança ainda mais, por outras áreas do globo, pois seu processo de difusão é rápido, e quando se instala numa determinada região, dificilmente esta consegue não aderir as suas condições, como o ritmo de vida, consumo, individualismo, lucro, especialização, etc. Portanto, São Paulo ainda tem muito que avançar, mas com certeza

se dará de forma mais ampla, pois a conscientização, que a situação social, é evidentemente péssima e excludente, seu maior desenvolvimento dependerá das próximas políticas de suplantação destas condições precárias de vida, e principalmente, do grande abismo social que permeia as grandes cidades brasileiras.

### **Referências bibliográficas**

CARLOS, A F. A. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. **Espaço-tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.

CASTELLS, M. **The Informational City: information technology, economic restructuring, and the urban regional process**. Oxford: Blackwell, 1996.

CASTELLS, M. e HALL, P. **Las tecnópolis del mundo”la formación de os complejos industriales del siglo XXI**. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

CEPOLLARO, G. Gottmann: a metrópole transacional. DE MASI, D. **A Sociedade Pós Industrial**. São Paulo: Senac, 2000, pp.233-245.

CORDEIRO, H.K. A cidade mundial de São Paulo e o complexo corporativo do seu centro metropolitano. Santos, M (org) **O novo mapa do mundo: Fim de século e globalização**. São Paulo: Hucitec, 1993, p. 318-331.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre o tempo do cotidiano no centro metropolitano de São Paulo. **Bol. Geografia Teorética**. Rio Claro, v.21, n.42, p. 64-69.

\_\_\_\_\_. **O centro da metrópole paulista: expansão recente**. São Paulo: USP, Instituto de Geografia, 1979, 184p. Tese (doutorado em Geografia Humana ), USP, 1979.

DAMIANI, A.L. **A crise da cidade: os termos da urbanização**. Departamento de Geografia, USP, 1997.p. 01-22 (mimeo).

FERREIRA, J.S.W. **São Paulo: o mito da cidade global**. São Paulo: FAUUSP, 2003. Tese (doutorado em arquitetura e urbanismo) FAUUSP, 2003, 323p.

FRUGOLI, JR. H. **Centralidade em São Paulo**. São Paulo: Cortez, 2000.

HARVEY, D. **Condição Pós Moderna**. Rio de Janeiro: Ed. Loyola.

IANNI, O. **A Sociedade Global**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

\_\_\_\_\_. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

LEFÈBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEVY, E. **Democracia nas cidades globais: um estudo sobre Londres e São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1997.

ORTIGOZA, S.A.G **O tempo e o espaço da alimentação no centro da metrópole paulista**. Rio Claro: UNESP, 2001, 195p. Tese (doutorado em Geografia) – IGCE – UNESP, 2001.

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.29.

ROLNIK, R. **A Cidade e a Lei**. São Paulo: Estúdio Nobel, 1997.

\_\_\_\_\_. **São Paulo**. Publifolha: São Paulo, 2001.

SANTOS, M. **Metrópole corporativa e fragmentada**. São Paulo: Hucitec, 1990.

\_\_\_\_\_. **Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1994, 153p.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização**. Petrópolis: Record, 2000.

SEMPLA – Secretaria Municipal de Planejamento. **A economia da grande cidade: desafios da política urbana em São Paulo**. São Paulo: SEMPLA/PMSP, 202, 129p.

SILVA, A.M.B. **A Contemporaneidade em São Paulo: produção de informações e o novo uso do território brasileiro**. São Paulo: FFLCH/USP, 2001. Tese (doutorado em geografia) FFLCH/USP, 2001, 283p.

SILVA, C.H.C. **O tempo e o espaço do comércio 24 horas na metrópole paulista**. Rio Claro: UNESP, 2003. Dissertação (mestrado em geografia), IGCE/UNESP, 2003, 224p.

SOUZA, M.A.A. (org) **Metrópole e Globalização: Conhecendo a cidade de São Paulo**. São Paulo:CEDESP, 1999, 253p.

SASSEN, S. A cidade global. Lavinas, L. (org) **Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. **The Global City: New York, London , Tokio**. New Jersey: Princeton University, 1988, 397p.

\_\_\_\_\_. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Nobel, 1998.

Recebido em fevereiro de 2005  
Aceito em abril de 2005